

4.

Comentário de Jl 4,15-17

4.1.

Astros, estrelas, céus e terra: a teofania de YHWH

A manifestação de YHWH em Jl 4,15-16 parece ser uma leitura paralela de Jl 2,10. Nesta, o cosmo se abala, isto pode ser compreendido como uma teofania relacionada com o *yôm* YHWH. Este tema, considerado o mais importante no conjunto do livro de Joel, se torna chave de leitura para a compreensão da temática da sublimidade de Sião.

O *yôm* YHWH no livro de Joel, mesmo sendo uma expressão complexa, aponta para uma dimensão salvífica do povo de Judá-Jerusalém.¹⁷³ Percebe-se claramente que é um *yôm* no qual YHWH se manifesta favorável ao seu povo, libertando-o de todos os seus inimigos e da situação de crise que se instalara na terra por causa das calamidades naturais. Assim, as forças naturais, que eram agentes contrários à sobrevivência e ao culto, e que impediam o cumprimento da prática ritual, agora, por meio da intervenção divina, tornaram-se sinais da ação beneficente de YHWH para o seu povo, mostrando que não o abandona quando este se inclina verdadeiramente numa atitude de reconhecimento.

A ausência de descrição dos pecados do povo ou desvios religiosos, no livro de Joel permitem ver a manifestação da natureza como o meio pelo qual YHWH, pedagogicamente, orienta o povo a sair de uma situação de apatia para reencontrar o caminho do seu conhecimento de YHWH.

A transgressão é cometida pelos povos estrangeiros que foram além da medida no tratamento para o povo eleito (cf. Jl 1,6; 4,20-21). Os sinais cósmicos são ameaçadores não para Israel, mas para as nações que oprimiram e fizeram o mal além da medida ao povo de Israel.

¹⁷³ Cf. L. A. FERNANDES, *O yôm YHWH em Jl 2,1-11*, p. 50.

Juntamente com a teofania da primeira parte do livro de Joel, percebe-se que os sinais da natureza provocaram o drama agrícola do povo, gerando uma situação de apatia. O retorno para YHWH, por meios litúrgicos, provocou, por sua vez, a salvação do povo através da abundância da fecundidade da terra.

É justamente esta resposta de YHWH que deve ser entendida como o *yôm*, não a catástrofe da ordem natural. A segunda parte do livro de Joel revela que a ameaça será definitivamente eliminada pelo reconhecimento de Judá-Jerusalém: YHWH é Deus e habita em seu meio, em Sião (cf. Jl 4,17).

A manifestação de YHWH, em seu *yôm*, abala os astros e a totalidade do cosmo (cf. Jl 4,15-16). Ele é o juiz da história e implementará a justiça na terra, colocada em desordem pelas nações estrangeiras, pela subjugação do povo eleito, da violência e do derramamento do sangue inocente (Jl 4,19). Assim como pela teofania, que proclama o fim da calamidade natural pelos sinais cósmicos, também se manifesta o *yôm* salvífico no fim da opressão provocada pelas nações estrangeiras. Esta relação corrobora para a compreensão de que o *yôm* YHWH, em Joel, é uma manifestação positiva para o povo de Israel, mas ao mesmo tempo, terrível para as nações inimigas, que serão julgadas e condenadas, revelando a bi-lateralidade da manifestação de YHWH na história e ao mesmo tempo a predileção pelo seu povo.¹⁷⁴

Os sinais cósmicos ajudam a entrelaçar as partes do livro de Joel e têm também a função de mostrar o domínio divino sobre toda a criação.¹⁷⁵ O domínio que YHWH exerce sobre o cosmo é o meio pelo qual manifesta seu domínio sobre a história e povos, podendo apresentar-se como juiz das nações e de Judá-Jerusalém. Estabelece-se assim a justiça devida para Israel e para as nações estrangeiras. A teofania evoca também o caráter futuro, a partir de uma irrupção histórica, salvífica, para o povo eleito.¹⁷⁶ Tal domínio se estabelece em Jl 4,15-17, iniciando-se pelos astros celestes, שָׁמַיִם, יְרֵחַ e כּוֹכְבֵּימָם (v.15), e, depois, pelos שָׁמַיִם e אֲרָץ (v.16). Os mesmos elementos aparecem descritos em Jl 2,10, em uma ordem distinta (terra, céus, sol e lua, e estrelas):

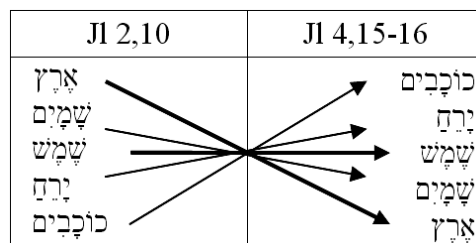
¹⁷⁴ Cf. L. A. FERNANDES, *O yôm YHWH em Jl 2,1-1*, p. 70.

¹⁷⁵ A relação semântica entre Jl 2,10-11a e Jl 4,15-16 parece ser um dos argumentos mais importantes para se justificar uma unidade do livro de Joel, assim como o tema do *yôm* YHWH, que possibilita falar de uma leitura canônica do livro.

¹⁷⁶ R. SIMKINS, *Yahweh's Activity in History and Nature in the Book of Joel*, p. 57-60.

Jl 4, 15-16	Jl 2,10
שָׁמַשׁ וַיִּרַח קִדְרוֹ וְכוֹכְבֵּים אָסְפוּ נִגְהָם וַיִּהְיֶה מַצִּיּוֹן יִשְׁאָג וּמִירוּשָׁלַם יִתֵּן קוֹלוֹ וַיִּרְעֲשׂוּ שָׁמַיִם וָאָרֶץ	לִפְנֵי רָגְזָה אֶרֶץ רָעֲשׂוּ שָׁמַיִם שָׁמַשׁ וַיִּרַח קִדְרוֹ וְכוֹכְבֵּים אָסְפוּ נִגְהָם

O quadro demonstra que a ordem de apresentação dos elementos cósmicos é simétrica, de uma forma inversa, quando as duas passagens são comparadas. Essa simetria inversa, observada no gráfico abaixo, mostra os elementos semânticos correspondentes.



Na literatura bíblica, a expressão “céus e terra”, ou seu inverso, corresponde à totalidade do cosmo.¹⁷⁷ A inversão parece apontar que Jl 2,10 parte da totalidade do cosmo, desdobrando-se nos elementos específicos como as criaturas de YHWH¹⁷⁸, enquanto que, em Jl 4,15-16, se parte dos elementos específicos até a universalização do poderio divino sobre todo o cosmo.

A comparação dos verbos também se mostra importante entre as duas passagens. Os mesmos verbos são utilizados; no entanto, Jl 2,10 utiliza um verbo especialmente para a “terra”, רָגְזָה (tremeu, sacudiu)¹⁷⁹, que tem o mesmo sentido semântico do verbo רָעֲשׂוּ, utilizado igualmente para “céus e terra” em Jl 4,15-16.¹⁸⁰ A

¹⁷⁷ Cf. Gn 14,19.22; Sl 69,35; 115,15; 121,2; 124,8; 134,3; 146,6; Jr 33,25.

¹⁷⁸ Como é caso do primeiro capítulo do livro do Gênesis, onde “céus e a terra” aparecem no v. 1, que é na verdade uma grande introdução para a descrição pormenorizada dos elementos criaturais que provêm da palavra de אֱלֹהִים e se estabelecem simetricamente até a conclusão das obras da criação e repouso no *shabat*.

¹⁷⁹ Cf. ALONSO SCHÖKEL, “רָגַז”, *DBHP*, p. 604.

¹⁸⁰ Cf. J. STRAZICICH, *Joel's use of Scripture and Scripture's use of Joel*, p. 239.

especificação dos verbos para “terra” e para “céus” parece ser uma maneira de apresentar progressivamente a ação de YHWH sobre o cosmo, do mais geral ao mais particularizado. Em Jl 4,15-16, o uso de um único verbo parece demonstrar o ponto de convergência da ação divina que se estende do mais específico até a globalidade da criação. De maneira geral, nos dois textos, YHWH é o Senhor do cosmo e demonstra o seu poder na transformação da ordem natural, dando o melhor dos bens da terra (Jl 2,19.22-24) e no âmbito da história humana, realizando seu desígnio com critério de justiça e compaixão (Jl 4,2-3.16b). Neste sentido, YHWH afasta as nações estrangeiras, agentes da violência e do derramamento de sangue inocente, e se torna juiz sobre a história, governando do monte Sião (cf. Jl 2,1; 4,12.16-17.21).¹⁸¹

4.2.

YHWH “ruge” de Sião

O verbo provocativo, “rugar”, ilustra o caráter imaginário do poderio divino com a imagem do leão de prontidão, que domina o seu território, afastando os intrusos com o poder de sua voz.¹⁸² A teofania de YHWH diante das nações é apresentada nesta seção como a de um soberano, que do seu trono pode determinar o destino dos povos, pois todos estão sob o seu domínio. O monte Sião é o lugar de onde YHWH governa. Essa imagem régia de YHWH substitui as possíveis imagens da monarquia que não aparecem no livro, pois o verdadeiro e único soberano é YHWH. Ao mesmo tempo, a presença soberana se estabelece e a ação de YHWH faz com que toda a criação se torne expressão da sua manifestação e presença.

A teofania pode ser apresentada em duas partes: a manifestação dos astros e a manifestação dos céus e da terra. Entre estas duas manifestações, de forma solene, o próprio YHWH se manifesta, entronizado em Judá-Jerusalém (cf. Jl 4,16). Dois verbos são utilizados para descrever sua manifestação: יִקְטֹל e יִרָא, ambos no *yiqtol*, terceira pessoa do singular masculino. O verbo יִקְטֹל provém da raiz יִקְטֹל¹⁸³ e, em sua forma básica, refere-se aos sons de certos animais e de certos fenômenos meteorológicos.¹⁸⁴

¹⁸¹ Cf. T. E. MCCOMISKEY, *The Minor Prophets*, p. 276-278.

¹⁸² Idem, p. 309.

¹⁸³ Cf. A. GRAUPNER, “יִקְטֹל”, *TDOT*, p. 232-236.

¹⁸⁴ Cf. J. L. CRENSHAW, *Joel, A New Translation with Introduction and Commentary*, p. 192.

No AT, de maneira específica, refere-se ao rugir de um leão (cf. Jz 14,5; 104,21; Is 5,29), ou ao som estridente do trovão (cf. Jó 37,4). Esse verbo está também relacionado com agir humano (cf. Sl 38,9) e, de forma simbólica, aparece como a ação dos perversos contra um justo (cf. Sl 22,14; 74,4) e, na literatura profética, como manifestação divina (cf. Jr 25,30; Os 11,10; Jl 4,16; Am 1,2).

Um referencial interpretativo importante de Jl 4,16 pode ser a leitura em paralelo com Am 1,2 e Jr 25,30. Am 1,2 introduz a lista das nações que não escaparão do castigo de YHWH. A sequência desta lista se prolonga até o segundo capítulo do livro, chegando ao castigo de Judá-Jerusalém (Am 2,4-8) e Israel (Am 2,6-16). A culpa de Judá-Jerusalém é descrita nestes versículos como a rejeição da Lei de YHWH e o auto-engano com a própria mentira. O castigo de Israel se dá, primeiramente, no âmbito social, por causa da “venda do justo por dinheiro”, da exploração do pobre e ainda, da idolatria. Desta forma, também Amós refere-se, negativamente, à manifestação de YHWH com o “rugir” de sua voz contra os perversos. Jr 25,30, trata da manifestação terrível de YHWH contra as nações (cf. Jr 25,32-33), contra o povo de Jerusalém e, de maneira específica, contra os pastores, entendidos como governantes e sacerdotes (cf. Jr 25, 34-36). Esta leitura é, pois, distinta do texto de Joel, que tem, como pano de fundo, um juízo punitivo das nações estrangeiras que oprimiram Judá-Jerusalém e a promessa salvífica do povo eleito.

Diante dos dois textos, parece provável que Joel tenha reapresentado a manifestação teofânica de Amós e Jeremias, interpretando-a de forma positiva, estabelecendo o domínio de YHWH sobre as nações, castigando-as, mas estabelecendo em Sião a sua morada como sinal salvífico para o povo de Judá-Jerusalém.

4.3.

YHWH como refúgio e fortaleza para o seu povo

O termo **מִחָסָה**, na literatura profética, além de Joel, aparece somente em Isaías (cf. Is 4,6; 25,4; 28,15.17) e Jeremias (cf. Jr 17,17) e, em maior número, ocorre

em textos poéticos e sapienciais.¹⁸⁵ O termo מַעֲרָץ ocorre nos profetas em Isaías, Jeremias e Ezequiel¹⁸⁶ e em Jl 4,16 e Na 1,7; 3,11. As demais ocorrências estão em Juízes e Samuel,¹⁸⁷ nos Salmos e Provérbios¹⁸⁸ e ainda em outros livros como Neemias e Daniel.¹⁸⁹ O termo מַחֲסֶה, assim como מַעֲרָץ não ocorrem no Pentateuco.

Os dois termos só ocorrem no livro de Joel em Jl 4,16, após a teofania de YHWH, que tem como efeito o tremor dos céus e da terra. Compreende-se melhor o uso dos termos מַחֲסֶה e מַעֲרָץ em Jl 4,16 com o livro dos Salmos, visto que ambos são mais utilizados.

O termo מַחֲסֶה, de maneira geral, sendo um substantivo formado a partir do verbo חָסָה (“buscar refúgio”, “proteção”, “colocar a confiança em algo ou em alguém”)¹⁹⁰, indica um abrigo, um lugar onde se busca proteção das intempéries do tempo e, em sentido metafórico, pode ser um refúgio perante a falsidade alheia. Expressa a ideia de “se abrigar de uma tempestade” (cf. Is 4,6; 25,4; Jó 24,8) ou de “perigo nos altos montes” (cf. Sl 104,18). É usado, figurativamente, como “buscar refúgio” e, de forma negativa, no colocar a confiança nos deuses (cf. Dt 32,37) ou “sombra” (proteção) de qualquer grande potência, como o Egito (cf. Is 30,2).¹⁹¹

A ideia de refúgio pode derivar da experiência comum de fugitivos ou de homens em guerra, para quem as colinas adjacentes no local da batalha forneciam uma “altura segura” ou “rocha forte” para que o mais fraco, muitas vezes impotente, pudesse buscar proteção imediata.

¹⁸⁵ No livro de Jó e em Provérbios, somente uma única vez (Jó 24,8; Pr 14,26), tendo um maior número de ocorrência nos Salmos (cf. Sl 14,6; 46,2; 61,4; 62,8-9; 71,7; 73,28; 91,2,9; 94,22; 104,18; 142,6).

¹⁸⁶ Em Isaías o termo é mais utilizado (cf. Is 17,9.10; 23,4.14; 25,4; 27,5; 30,2.3); em Jeremias, uma única vez (cf. Jr 16,19) e em Ezequiel, duas vezes (cf. Ez 24,25; 30,15).

¹⁸⁷ Somente em Jz 6,26 e 2Sm 22,33.

¹⁸⁸ Cf. Sl 27,1; 28,8; 31,3.5; 37,39; 43,2; 52,9; 60,9; 108,9; Pr 10,29.

¹⁸⁹ Cf. Ne 8,10; Dn 11, 1.7.10.19.31.38.39.

¹⁹⁰ Cf. E. GERSTENBERGER, “ḥāsah”, *DTMAT*, p. 861-864.

¹⁹¹ Cf. também na parábola de Jz 9,7-15, na qual Jotão adverte todo Israel contra o reinado de seu cruel irmão Abimeleque. As árvores tipificam o povo, o espinheiro representa o líder soberbo e ambicioso, que pretende destruir a árvore mais imponente e alta, o cedro, e ironicamente abrigar a todos em sua quase que inexistente sombra. Deste modo, a parábola trata da falsa segurança.

O substantivo מְחֻסָּה é usado como sinônimo de מְעֻזָּה. Dado que pode indicar uma interrelação no uso do termo: “abrigo” e “fortaleza” como, respectivamente, proteção interna e externa contra os inimigos. Pode-se indicar o caso com os termos paralelos, a “rocha” (Sl 62,7), “rocha do meu refúgio” (Sl 94,22), “o escudo protetor” (Sl 144,2; Pr 30,5), ou as “asas” de proteção que denota abrigo (cf. 1Rs 2,12; Sl 17,8; 36,8). Por extensão, o termo “refúgio” é usado como um epíteto para Deus. Ele, acima de tudo, é o refúgio (cf. Sl 14; 46,2; 62,2; 91, 9), um escudo (cf. Sl 61,4), o “refúgio forte” (Sl 71,7), e a “fortaleza” (Sl 91,2). Deus é sempre o único refúgio do seu povo. A confiança em YHWH protege o indivíduo por sua solidariedade (cf. Pr 14,26; Jó 4,10).

Como verbo a forma *qal* é usada principalmente em relação ao homem que coloca a confiança em Deus como sua rocha (cf. 2Sm 22,3), força (cf. Sl 18,3) e fortaleza (cf. Na 1,7). É sempre melhor confiar em Deus, em vez de confiar em príncipes (cf. Sl 118,8-9). Ele atua como o escudo ou cobertura de todos os que nele confiam (cf. 2Sm 22,31; Sl 18,31). A analogia de tomar Deus por refúgio pode, ocasionalmente, se referir ao Templo de Jerusalém, onde os aflitos de povo eleito sempre podem encontrar refúgio (cf. Is 14,32; Sl 61,4). Este foi um desenvolvimento do antigo costume em que o criminoso, fugindo, poderia aproveitar as pontas do altar e encontrar segurança diante da vingança (cf. 1Rs 1,50). Buscar refúgio também destaca a insegurança e o desamparo que até o mais forte dos homens possui, e enfatiza o aspecto defensivo ou externo da salvação de YHWH, o único e imutável em quem se pode encontrar abrigo (cf. Sl 46,1). Nos Salmos, o “refúgio em Deus” também é equivalente a “ser abençoado” (cf. Sl 2,12) e “ser salvo” (cf. Sl 17,7).¹⁹²

O substantivo מְעֻזָּה deriva do verbo עֻזָּה (ou עֻזָּה) e pode ser entendido como um lugar seguro, que inspira segurança, mesmo uma fortaleza.¹⁹³ Como verbo carrega o conceito de se abrigar rapidamente. Tal urgência é vista em distintos contextos: em Ex 9,19, rápida fixação do que está no campo por causa da chuva de pedras; Is 10,31, atividade ocasionada por um exército em avanço, seja o assírio ou o exército sírio-efraimita. A futilidade de se abrigar no Egito é enfatizada em Is 30,2, onde o verbo ocorre com o substantivo derivado como um acusativo cognato. O prefixo *mêm*

¹⁹² Cf. M. TSEVAT, *A Study of the Language of the Biblical Psalms*, JBL Monograph, vol. 9, p. 4-48.

¹⁹³ Cf. H. ZOBEL, “עֻזָּה”, *DTOT*, p. 441-448

adiciona o significado de “lugar” para a raiz verbal; Jr 4,6; 6,1 associa ao avanço do exército caldeu, necessitando de um alarme rápido.¹⁹⁴

O termo também pode designar lugares naturais e artificiais de segurança, como um monte (cf. Jz 6,26), porto (cf. Is 23,4), as cidades (cf. Is 17,9), e o Templo (cf. Ez 24,25). Em nítido contraste com Deus, não são invencíveis, pois estão sujeitos à destruição (cf. Is 23,11.14; Ez 30,15). Talvez possa estar ligado a raiz *רָצַח*, que pode indicar a futilidade da riqueza como um refúgio. O termo também pode ser usado figurando a proteção humana. Uma potência estrangeira, como o Egito, pode ser vista como um meio de proteção. A proteção do Egito, por exemplo, foi um problema de Israel, trazendo muitas vezes a condenação dos profetas (cf. Jr 42,7-17). Judá foi também inclinada a ver falsamente o Templo como um símbolo de segurança (cf. Ez 24,25; Am 6,8; Jr 7,4; 26,4-6).¹⁹⁵

O uso mais comum do termo é o figurativo, que designa YHWH como refúgio do seu povo. Enquanto os ricos maus recusam YHWH como abrigo (cf. Sl 52,9), refugiando-se em sua riqueza, os pobres n’Ele encontram proteção (cf. Is 25,4), os retos (cf. Pr 10,29) e o povo em geral (cf. Sl 28,8; Jl 4,16). O salmista se refere a Deus como seu refúgio (cf. Sl 31,5; Sl 43,2). O homem é confrontado com uma decisão ao fazer de Deus seu refúgio (cf. Is 27,5) e é possível esquecê-lo, como Israel fez (cf. Is 17,10). Enquanto Deus é “um lugar de abrigo” no tempo da angústia (cf. Sl 37,39; Jr 16,19; Na 1,7), Ele é também um refúgio constante (cf. Sl 27,1).

No livro de Joel, percebe-se a ação salvífica de YHWH em favor do povo de Judá-Jerusalém. As catástrofes naturais e as ameaças estrangeiras figuram como pano de fundo da causa da apatia que se manifesta nos primeiros capítulos do livro. Neste contexto, a apatia de Jl 1 se mostra como a maior catástrofe que pode ser apontada no livro. Tema que se torna base para a convocação da comunidade para a liturgia penitencial.¹⁹⁶ A transformação do povo em sua relação com YHWH aparece como o elemento essencial no movimento interior do reconhecimento de que YHWH é Deus provedor. Ele promove a justiça e não abandona o seu povo humilhado. A resposta de YHWH ao apelo do povo percorre todo o livro, primeiro na supressão da catástrofe

¹⁹⁴ Cf. *GBH*, § 88L.

¹⁹⁵ Cf. C. BALOGH, “He Filled Zion with Justice and Righteousness”. In: *Biblica*, 89/4 (2008), p. 477-504.

¹⁹⁶ Cf. L. A. FERNANDES, *O yôm YHWH em Jl 2,1-11*, p. 45.

natural, após a liturgia penitencial; Ele envia as chuvas que garantem a fertilidade da terra (cf. Jl 2,19) e, depois, no afastamento dos inimigos que vêm do norte (cf. Jl 2,20);¹⁹⁷ em seguida, na grande convocação das nações estrangeiras no עֵמֶק יְהוֹשָׁפָט¹⁹⁸ onde, definitivamente, aqueles que oprimiram Judá-Jerusalém receberão o castigo pelo domínio violento que exerceram sobre o povo eleito (cf. Jl 4,19).

Assim, os substantivos מַחֲסֶה e מְעוֹז, no v.16, revelam a ação ativa que provém de YHWH, que se manifesta irrestritamente, desde que haja um sincero reconhecimento por parte do povo, que em última instância ele é propriedade sua (cf. Jl 4,2b). Uma vez que Judá-Jerusalém faz a sua parte, evidencia-se a soberania divina e o protagonismo de YHWH.¹⁹⁹ A ação de juiz, que YHWH exerce, manifestada no texto, se estabelece sobre toda a história e não somente para uma determinada classe ou grupo de pessoas (cf. Jl 4,1–2.12).

Desta forma, YHWH é comparado com os “locais” de refúgio e proteção, como as imagens poéticas bíblicas e com diversos textos dos Salmos. Joel insere o povo de Judá-Jerusalém em um contexto de segurança e confiança evidenciando, ao mesmo tempo, o contraste de insegurança provinda da não confiança e do não conhecimento de YHWH pelas nações. Destaca-se também que a ação, neste contexto, provém de YHWH e para Ele retorna.

A expressão לְבֵנֵי יִשְׂרָאֵל não só descreve a nação, mas evoca, majoritariamente, os habitantes de Judá-Jerusalém. O termo יִשְׂרָאֵל ocorre apenas três vezes no livro de Joel. (Jl 2,27; 4,2.16). Em Jl 2,27, YHWH proclama que estará no meio do seu povo; “Israel”, regido pelo conhecimento de YHWH, nunca mais será envergonhado. Em Jl 4,2, Israel aparece como a herança de YHWH, que foi pilhada e dispersada pelas nações estrangeiras. Em Jl 4,16, YHWH é apresentado como lugar de refúgio para os

¹⁹⁷ O texto não define quem são os que vêm do norte, parece no entanto, indicar os gafanhotos. Não existe menção em Jl 2,20 de “exército” ou “povo”; Jl 2,25 fala do “meu grande exército” em um contexto de restituição dos anos de desolação provocada pela praga de gafanhotos.

¹⁹⁸ Vale de Josafá é um dos nomes simbólicos do lugar de punição para os inimigos de Judá, também chamado “vale da Decisão” (v. 14). “Josafá” significa “juiz”. Existe uma identificação popular deste lugar como o vale do Cedron. Neste caso, a imagem de Joel pode ser imaginada com YHWH sentado sobre o vale do monte Sião, dirigindo suas tropas na destruição das nações vale abaixo (cf. D. BERGANT, R. J. KARRIS, *Comentário Bíblico*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 132).

¹⁹⁹ Cf. L. A. FERNANDES, *O yôm YHWH em Jl 2,1-11*, p. 43.

לְבָנֵי יִשְׂרָאֵל. Nesta expressão, tomada em comparação com outras expressões que denominam o povo eleito, percebe-se a ênfase que é dada ao povo de Judá-Jerusalém.

Em Jl 2,23, o povo eleito é chamado de בְּנֵי צִיּוֹן. Em Jl 4,6, encontra-se duas formas de identidade nacional seguidas: בְּנֵי יְהוּדָה e בְּנֵי יְרוּשָׁלַם. A referência aos “filhos de Judá” aparece também em Jl 4,8.19. De forma complementar, as promessas salvíficas de caráter futuro de Jl 4,20 referem-se positivamente à Judá-Jerusalém: וְיִהְיֶה לְעוֹלָם תֵּשֵׁב יְרוּשָׁלַם לְדוֹר וָדוֹר. A composição “Judá-Jerusalém” ocorre apenas em Jl 4 e parece estar em paralelo com o termo “Sião”, uma vez que a composição “Judá-Jerusalém” expressa o mesmo sentido de “Sião-Jerusalém” presente no livro (cf. Jl 3,5).

4.4.

Conhecimento de YHWH

O verbo יָדַע, em Jl 4,17, apresentado com conotação futura, devido a forma *weqatal*, indica o reconhecimento esperado na relação entre o povo de Judá-Jerusalém e YHWH.²⁰⁰ O mesmo verbo, em Jl 2,27, aparece em um contexto que reafirma a estadia de YHWH no meio do seu povo, enfatizando a não existência de outros deuses e a declaração divina de que וְלֹא-יִבְשׁוּ עַמִּי לְעוֹלָם. Da mesma forma, em Jl 4,17, YHWH parece declarar que a sua ação salvífica é motivo para o reconhecimento de sua identidade, domínio e senhorio na história, de maneira específica de Judá-Jerusalém e, de maneira geral, da história humana e do cosmo. A correspondência temática pode então ser estabelecida:

- a) pelo uso da raiz יָדַע, igualmente conjugado, יָדַעְתֶּם, seguido da partícula כִּי, introduzindo os versículos citados. No hebraico bíblico, a partícula כִּי é usada basicamente de quatro maneiras: 1) na introdução de uma cláusula objetiva, especialmente depois de verbos como “ver, dizer, conhecer”, e pode ser traduzida por “que”; 2) para introduzir uma cláusula temporal, e traduzida por “quando”, nas cláusulas condicionais; 3) pode também introduzir uma cláusula causal, sendo traduzida como “porque,

²⁰⁰ Cf. G.J. BOTTERWECK, “יָדַע”, TDOT, p. 448-481; W. SCHOTTROFF, “yad‘a”, *DTMAT*, p. 942-967.

uma vez que”; 4) e com **אם** para expressar a razão pela qual alguns casos podem não ocorrer. Em todos os quatro usos, **כי**, introduz um dado que é o resultado de algum outro fato ou ação, ou irá influenciar algum fato ou ação. De certa forma, pode indicar um uso asseverativo, dando ênfase ao dado que se segue.²⁰¹ Neste caso, a afirmação diz respeito ao estabelecimento de YHWH no meio do povo;

- b) por causa da significativa expressão **אני יהוה אלהיכם**, relacionada com o estabelecimento no meio do povo, em Jl 2,27 pelo substantivo construto **בְּקֶרֶב**, e em Jl 4,17 pelo particípio **שֶׁכֶּן**;
- c) pelas consequências futuras deste estabelecimento, que são também elencadas favoravelmente em:

- Jl 2,27: **וידעתם כי בקרב ישראל אני ואני יהוה אלהיכם ואין עוד ולא יבשו עמי לעולם**
- e Jl 4,17: **וידעתם כי אני יהוה אלהיכם שכן בציון הר־קדשי והיתה ירושלם קדש וזרים לא יעברו־בה עוד**.

Além das duas formas verbais **וידעתם** de Jl 2,27 e Jl 4,17, o livro apresenta o verbo em Jl 2,14, dentro de uma sentença interrogativa:

מי יודע ישוב ונחם והשאיר אחריו ברכה מנחה ונסד ליהוה אלהיכם.

A pergunta retórica só pode ser equiparada com Jn 3,9 e, assim como no livro de Jonas, o texto se insere em um contexto de convocação para uma liturgia penitencial (cf. Jl 2,12-14; Jn 3,4-10)²⁰² e remete ao paralelo Ex 34,6-7, sobre o modo de proceder de YHWH no exercício da justiça e compaixão dirigida ao povo de Israel e aos outros povos.²⁰³

Em Jl 4,17, o conhecimento de YHWH é uma consequência/resposta positiva do povo diante da constante ação salvífica de YHWH. A resposta do povo, em primeiro lugar, parece estar projetada para um futuro, mas não distante, onde a intervenção salvífica de YHWH, na história, já se prepara e provocará a reação esperada do “conhecimento”; depois, parece ser uma reafirmação desta mesma ação

²⁰¹ Cf. *GBH*, § 104; *GK*, § 163.

²⁰² Cf. L. A. FERNANDES, *Jonas*. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 35-40.

²⁰³ A questão levantada no livro de Jonas é se este proceder da justiça/compaixão de YHWH pode ser também compreendida dentro de um contexto estrangeiro ou não judaico.

que já ocorre. Esta pode ser sentida e vivida por Judá-Jerusalém, onde o *yôm* prometido está se realizando constantemente para o povo afligido pela apatia e pelo domínio severo das nações estrangeiras.

4.5.

YHWH habita em Sião, seu monte santo

Jl 4,17 apresenta, em meio à dramática intervenção de YHWH na história, a declaração do estabelecimento divino de Sião²⁰⁴ como lugar de sua morada, como a própria tenda ou casa.²⁰⁵ Na tradição bíblica, *יְרוּשָׁלַיִם* é apresentada como o lugar onde estava estabelecida a “fortaleza dos jebuseus”. Mais tarde, tornou-se a cidade de Davi (cf. 2Sm 5,7), o monte, antes chamado de Moriá, onde foi construído o Templo (cf. 2Cr 3,1); a própria “cidade de Jerusalém” (cf. 2Rs 19,21) ou a “terra de Israel” (cf. Is 34,8). O substantivo “Sião”, utilizado como nome próprio, representa de maneira geral o monte onde estava estabelecido o Templo de Jerusalém.

A expressão “que habita em Sião” parece paralela a textos como Is 8,18 e Ab 1,16.²⁰⁶ Se comparada, percebe-se que Isaías trata da habitação de YHWH em Sião e Abdias, da santidade do monte Sião. Tal conexão, principalmente com Abdias, pode indicar uma relação de sentido futuro do governo pleno de YHWH no meio do seu povo.²⁰⁷ Para Joel, Sião é a morada, habitação de YHWH²⁰⁸ e, por este motivo, deve ser santificada, assim como toda Judá-Jerusalém, refletindo uma dimensão de organização e governo teocrático.²⁰⁹

A ideia de monte sagrado, oriunda provavelmente de contexto extra-bíblico, foi associada ao pensamento religioso israelita e foi se inserindo na literatura bíblica em muitos textos (cf. Sl 48,1-2.4-8 e Is 29,1-4).²¹⁰ A santidade do povo e de Sião está relacionada com a santidade de YHWH. Por esse motivo, Israel é chamado a ser santo como seu Deus é santo, manifestando, também, a santidade de Sião (cf. Lv

²⁰⁴ Cf. M. OTTO, “יְרוּשָׁלַיִם”, *TDOT*, p. 333-364.

²⁰⁵ Cf. J. L. MACKENZIE, “Tenda”, *Dicionário Bíblico*, p. 918-920.

²⁰⁶ Cf. F. STOLZ, “*šiyôn*”, *THAT*, p. 543-551.

²⁰⁷ Cf. J. STRAZICICH, *Joel's use of Scripture and Scripture's use of Joel*, p. 241-242.

²⁰⁸ *Idem*, p. 82.

²⁰⁹ Cf. J. BARTON, *Joel and Obadiah, a Comentary*, p.106-107.

²¹⁰ Cf. R. J. CLIFFORD, *The Cosmic Mountain in Canaan and the Old Testament*, p. 89-93.

19,2). O primeiro trata o monte Sião como “lugar santo”, “belo em elevação”, “a alegria de toda a terra”, e como a “cidade do grande Rei”, estabelecida para sempre por YHWH.²¹¹

No âmbito crítico, em Is 29,1-4 existe uma rejeição ou ceticismo em relação à santidade de Sião. Parece que a experiência da destruição de Jerusalém e do exílio, ajudou a restabelecer a santidade de Sião como um dos elementos fundamentais para a reconstrução nacional.²¹² Ao estabelecer seu governo, YHWH mostra-se refúgio para Judá-Jerusalém e mostra-se fortaleza contra as nações.

Parece que a atividade profética foi preparando o caminho para uma nova compreensão do estabelecimento de YHWH em Sião, como um elemento condicional à resposta do povo. Acrescentaram elementos na teologia da recordação das promessas de YHWH à Cidade Santa,²¹³ assim ao estabelecimento de uma dinastia monárquica (cf. 1Rs 9,1-9).²¹⁴

No livro de Joel, Sião é ainda o “monte santo de YHWH”, não mais uma fortaleza incontestável ou sede perpétua da dinastia monárquica, pois quem reina é o próprio YHWH. Ele que estabelece seu governo sobre Judá-Jerusalém, sendo refúgio, e sobre as nações, sendo fortaleza.

Jl 3,5, assim como Jl 4,20-21, está em conexão com a mensagem teológica de salvação da cidade de Sião, habitação de YHWH. Os remanescentes que saíram ilesos, invocaram o nome de YHWH, com isso buscaram o conhecimento (cf. Jl 4,17). Eles serão chamados e incorporados no processo salvífico (cf. Jl 3,5), como o fim de uma batalha, onde perceberão que serão vitoriosos. Jl 4,20-21 se concentra na justiça que se estabelece para Judá-Jerusalém e para as nações. Dentro do contexto de fertilidade da terra (cf. Jl 4,18-21), a dupla indicação de perpétuo fixamento de residência em Judá-Jerusalém (תִּשָּׁב) e da habitação de YHWH na terra (שָׁכַן), conclui a mensagem teológica de esperança em uma era de restauração para Israel. As ameaças naturais são eliminadas, assim como as bélicas. As nações inimigas pagarão por causa dos seus

²¹¹ Cf. R. J. CLIFFORD, *The Cosmic Mountain in Canaan and the Old Testament*, p. 96-100.

²¹² Cf. R. E. CLEMENTS, *Isaiah and the Deliverance of Jerusalem, a Study in the Interpretation of Prophecy in the Old Testament*, JSOTsup 13, Sheffield, 1980, p. 120; W. S. PRINSLOO, *The Theology of the Book of Joel*, p. 103-104; T. RÖMER, *A chamada História Deuteronomista*, p. 107.

²¹³ Cf. Sl 46-48; 76; 87; e também alguns oráculos do Deutero-Isaias, como Is 52,1-2; 54,1-3.

²¹⁴ Cf. J. BARTON, *Joel and Obadiah, a Commentary*, p. 71.

crimes e do sangue inocente derramado. A justiça de YHWH é manifestada e celebrada.

4.6.

Jerusalém será santa

A cidade de Jerusalém aparece em Jl 4,17, na expressão *וְהָיְתָה יְרוּשָׁלַם קֹדֶשׁ*. O verbo, na forma *weqatal*, indica uma ação futura; “Jerusalém será santa”, substantivo feminino, está acompanhada de um substantivo singular masculino, *קֹדֶשׁ*.²¹⁵

A expressão, porém, apresenta dificuldade de tradução, não apenas por causa da concordância do termo *קֹדֶשׁ* com o nome próprio *יְרוּשָׁלַם*, uma vez que a língua hebraica permite a conexão de termos com gêneros distintos. A questão se dá na análise de *קֹדֶשׁ*, que parece ser um substantivo, e poderia ser traduzido como um adjetivo. Alguns autores preferem traduzir, neste caso, *קֹדֶשׁ* como “santuário”, para enfatizar a função de substantivo.²¹⁶

A estrutura frasal, substantivo feminino acompanhado de adjetivo masculino, não é estranha na literatura bíblica (cf. Ex 3,5; 16,23; 30,31; 1Cr 6,34) e, portanto, não pode ser considerada um erro. Neste sentido, o substantivo *קֹדֶשׁ* poderia ser equiparado com o adjetivo “קֹדֶשׁ” (cf. Ex 29,31; Lv 6,9.19.20; Dt 26,19; Ez 42,13).

A palavra *קֹדֶשׁ*, representa uma “separação” religioso-étnica e se insere geralmente dentro de um contexto cultural.²¹⁷ Em Jl 4,15-17, a indicação de tornar Jerusalém santa, parece apontar para uma dimensão escatológica intra-histórica, que abarca não apenas o elemento cultural, mas também étnico. A ideia de uma nação separada, no que parece ser apresentado como um exclusivismo judaico, baseia-se no contexto particular do texto, na declaração de que os “estrangeiros” não mais passarão pela Cidade Santa; e no contexto geral, com a promessa de uma grande fecundidade da terra, dos campos e dos animais (cf. Jl 2,19-27); o derramamento do espírito (cf. Jl 3,1-5) e o julgamento (cf. Jl 4,1-14) e a desolação das nações inimigas (cf. Jl 4,18-21).

²¹⁵ Cf. W. KORNFELD, “קֹדֶשׁ”, *TDOT*, p. 521-545.

²¹⁶ Cf. H. W. WOLFF, *Joel and Amos*, p. 82.

²¹⁷ H. P. MÜLLER, “καθὰς, *THAT*”, p. 589-609.

A “santificação” de Jerusalém, em Jl 4,15-17, pode ser entendida como o ponto de convergência da ação de YHWH, por um lado, e da ação-resposta do povo eleito, por outro lado. Tal dimensão relacional pode ser encontrada ao longo do livro, principalmente, no primeiro, no segundo e no quarto capítulos.

Jl 1,14 apresenta a convocação e os preparativos para a assembleia litúrgica. O verbo קִדְּשׁוּ, no *piel* imperativo plural masculino, aparece no meio de uma sequência de verbos no imperativo que se inicia em Jl 1,13 e segue até o final do v.14. O verbo “santificar” está, neste versículo, ligado ao substantivo צִוּם, numa convocação do povo ao ato litúrgico penitencial.

Em Jl 2,15, passagem paralela a Jl 1,14, reaparece o verbo קִדְּשׁוּ por duas vezes, relacionando-se com os substantivos צִוּם e קִהָּל. Em Jl 2,16, encontra-se novamente o verbo קִדְּשׁוּ ligado ao substantivo קִהָּל. Estes versículos podem ser compreendidos dentro de um contexto de convocação e ação litúrgica.

Em Jl 4,9, também dentro de um contexto de convocação, o mesmo verbo imperativo plural קִדְּשׁוּ ocorre, desta vez ligado ao substantivo מִלְחָמָה. A expressão קִדְּשׁוּ מִלְחָמָה só encontra correspondente em dois textos do AT. Em Jr 6,4, é descrita uma preparação inimiga para a incursão bélica contra Jerusalém.²¹⁸ Mq 3,5 trata da atividade, em decadência, dos profetas que profetizam paz para o povo, quando eles têm o que comer e proclamam מִלְחָמָה עָלֵינוּ, referindo-se aos que não lhes dão o sustento. No texto de Miquéias, o verbo “santificar” não é um imperativo, mas um *piel* de terceira pessoa comum plural, com *wav* consecutivo, que pode ser traduzido com o sentido de “consagrar” ou “convocar”.

A expressão קִדְּשׁוּ מִלְחָמָה é rara na BH, e não permite afirmar literalmente uma “guerra santa”, pois a tradução que parece ser mais adequada é “preparai uma guerra”, se comparada com as demais aparições dos verbos que acompanham o substantivo מִלְחָמָה na BH.²¹⁹ Neste sentido, o verbo קִדְּשׁוּ, pode ser correspondente aos verbos עָשָׂה (fazer)²²⁰ e עָרַךְ (organizar, por em ordem), mais frequentes quando associados ao substantivo מִלְחָמָה na BH.²²¹ A justificativa do uso do verbo

²¹⁸ O mesmo verbo “קִדְּשׁוּ”, sem o substantivo “מִלְחָמָה”, é utilizado, em contexto de preparação bélica contra a cidade santa de Jerusalém, em Jr 51,27s.

²¹⁹ Cf. L. A. FERNANDES, *O yôm YHWH em Jl 2,1-11*, p. 32.189.196.

²²⁰ Como pode ser observado em Gn 14,2; Dt 20,12.20; Js 11,18; 1Cr 5,10; 2Cr 26,11; Pr 20,18; 24,6.

²²¹ Cf. 1Sm 17,2.8; 2Sm 10,8; 1Cr 12,37; 19,9; 2Cr 14,9; Jl 2,5.

“santificar” parece estar ligado ao fato de ser, geralmente, proclamada por Deus ou por um profeta, ou ainda, pelo estabelecimento de um sacrifício antes da batalha.²²²

A santificação de Jerusalém denota a santificação de todo povo de Judá-Jerusalém, uma vez que aquele que é Santo habita no meio deles. YHWH é o princípio de santificação. Essa expressão pode apontar para um contexto remoto, onde se criticou a presença de um rei secular em decadência e, desta forma, a administração sacerdotal se impunha como uma teocracia representativa do desejo divino.

4.7.

Os estrangeiros não mais “passarão” pela Cidade Santa

A manifestação de YHWH, em seu *yôm*, é o motivo central e pano de fundo de Jl 4,15-17. Inserida em um contexto bélico, apresenta-se como um quadro que coloca a ação divina julgadora em oposição às nações estrangeiras, mesmo que tal confronto seja descrito de forma evidentemente irônica (cf. Jl 4,9-10).²²³

É preciso fazer uma distinção entre os povos estrangeiros, presentes em quase todos os capítulos do livro, parte em forma metafórica (cf. Jl 1,6) e também como uma real ameaça militar (cf. Jl 2,17.19), e o *עַם רַב וְעָצוּם* (povo grande e poderoso) de Jl 2,2.

Estes versículos estão dentro de um contexto teológico que parece ser uma referencia ao êxodo do Egito²²⁴. Assim sendo, com sentido relevante,²²⁵ o paralelo lexical pode ser relacionado com o segundo livro do Pentateuco, reafirmado inclusive pelo uso do substantivo *עַם* e pela descrição do v. 3 nas expressões *אֶכְלָה אֶשׁ* e *תָּלַהֵט לָהֶבָה*, ambos os sinais protegem e guiam o povo nas narrativas do Êxodo (cf. Ex 13,21; 14,24). Este povo, no livro de Joel, como indicam os elementos textuais, parece ser o próprio povo de Israel descrito como vitorioso ao caminhar para a

²²² Cf. J. L. CRENSHAW, *Joel*, p. 187-188.

²²³ Cf. R. SIMKINS, *Yahweh's Activity in History and Nature in the Book of Joel*, p. 173-175.

²²⁴ Cf. M. A. SWEENEY, *The Twelve Prophets*, p. 165.

²²⁵ Como elementos fundamentais deste estudo pode-se comparar como base textual mais evidente Jl 1,13-14 com Ex 34,6-7; porém, ao longo do livro de Joel, outros elementos parecem remontar tal confluência, como parece proposto na metáfora do “povo grande e poderoso” e a teofania no monte Sião com a teofania no Sinai (cf. L. A. FERNANDES, *O yôm YHWH em Jl 2,1-11*, p. 50).

liberdade, rumo a terra da promessa. Esta interpretação pode estar relacionada com o sentido de Jl 2,25, onde YHWH fala de “meu exército”.

O termo hebraico **זָרִים** somente ocorre em Jl 4,17 em todo o livro de Joel. Parece ser correspondente na obra ao hebraico **גוֹיִם**, que geralmente indica o plural dos povos não israelitas (cf. Ex 34,24; Jl 2,17), utilizado de modo que não se confunda com o povo eleito apresentado pelo termo **עַם**. No livro de Joel existe uma única exceção, em Jl 2,17, onde o termo **עַמִּים** possui o mesmo sentido de **גוֹיִם**.²²⁶

Em Jl 4,17, YHWH declara que os estrangeiros não mais passarão por Judá-Jerusalém. Esta imagem revela a esperança de uma comunidade separada das outras nações, elemento mais característico de um judaísmo pós-exílico. A escolha do verbo **יַעֲבִירוּ**, parece ser uma forma de expressar a expulsão dos estrangeiros, uma vez que, a raiz **עָבַר**²²⁷ é a mesma da palavra **עֲבָרִים**.²²⁸

A imagem de uma realidade pacífica estabelecida na Cidade Santa, onde as incursões estrangeiras não mais existirão, no sentido histórico, obviamente, não correspondeu à realidade, durante subseqüentes domínios ao longo da história do povo de Israel. Assim, a proclamação de YHWH sobre uma época pacífica, abre-se para uma dimensão futura, porém de esperança na intervenção divina dentro da história.

²²⁶ Cf. M. SCANDROGLIO, *Gioele e Amos in Dialogo: Inserzioni redazionali di collegamento e aperture interpretative*. Roma: G&BP, 2011, p. 268-274.

²²⁷ Cf. R. L. HARRIS, “עָבַר”, *DITAT*, p. 1069; L. A. SNIJDERS, “זָרִי”, *TDOT*, p. 52-57.

²²⁸ Cf. J. L. CRENSHAW, *Joel: A New Translation with Introduction and Commentary*, p. 198.